**Acidentes com moto estão entre as principais causas de amputação**

*Clínica em Curitiba tem atendimento pioneiro a pacientes amputados*

Quem enfrenta o trânsito já sabe. É cada vez maior o número de motos que circulam pelas ruas. O veículo, além de ser ágil e econômico tem, cada vez mais, facilidades na hora da compra, com valores bem acessíveis. Para se ter uma ideia, em agosto de 2018, o Detran-PR registrou mais de 260 mil motos em Curitiba e Região Metropolitana. E esses são dados oficiais, que não consideram aquelas motos que não foram regularizadas junto ao órgão.

É muita moto. E, justamente pela sua agilidade, muitos motoqueiros acabam colocando suas vidas em risco, realizando manobras perigosas e audaciosas em meio a carros e ônibus. Tudo isso só aumenta as estatísticas de acidentes de trânsito com motociclistas, que acabam ficando mais vulneráveis. Segundo o BPTran, das 36 mortes que ocorreram no trânsito do início do ano até agora, 47% foram acidentes envolvendo motos.

Mas nem todos os acidentes terminam de forma fatal. Alguns conseguem sobreviver com sequelas. É o caso da Maraci Terezinha da Rocha, auxiliar de serviços gerais que teve a perna esquerda amputada após um acidente com a moto. “Estava de folga no dia do acidente, voltando da casa do meu namorado. Um motorista cruzou a preferencial e não me viu. Fiquei entre a vida e a morte, de coma e tudo. Mas, graças a Deus consegui resistir e ter apenas a perna amputada, mas poderia ter sido bem pior”, conta Maraci.

A amputação é um dos problemas comuns ocasionados por acidentes de trânsito, sobretudo motocicletas. Para se ter uma ideia, dados divulgados pelo banco de dados SIHSUS, mostraram que de 2008 a 2015, em todo o Brasil foram registrados 361.585 procedimentos de amputações de membros inferiores e superiores. E a segunda maior causa ainda é o trânsito, que representa 20% das amputações, ficando atrás apenas da diabetes, segundo revelou a Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR).

Esse é um dado que também é possível de ser percebido nas clínicas de reabilitação específicas para pessoas amputadas, como é o caso da Ottobock, que desenvolve um trabalho de reabilitação com base num protocolo internacional. “Aqui na nossa clínica recebemos de 30 a 40% de pacientes que perderam membros por decorrência de acidentes de moto. Diferente da diabetes, em que muitas vezes as amputações são mais simples, como dedos, por exemplo, esse tipo de trauma exige um processo de reabilitação mais completo”, conta Gustavo Franco, gerente da unidade da Ottobock Clinical Services em Curitiba.

**Reinserção por meio da reabilitação**

O processo de reabilitação no período pós-amputação deve ser cauteloso. A Ottobock, marca alemã líder no mercado de próteses e órteses e que inaugurou uma clínica recentemente em Curitiba, desenvolve um trabalho baseado num protocolo internacional e que segue nove passos, incluindo a fabricação de uma prótese personalizada, desenvolvida exclusivamente para o paciente que teve um membro amputado.

“Quando o paciente chega à clínica, ele geralmente está muito abalado, o que é bem normal. E toda a equipe da Ottobock está preparada para recebe-lo da melhor forma, realizando com ele uma pré-avaliação, ouvindo as expectativas do paciente eenvolvendo-o na escolha da sua prótese. Assim, todo o trabalho é desenvolvido com o objetivo de atender a demanda do paciente, preparando o seu corpo para receber a prótese, e realizando um trabalho de fortalecimento muscular, habilidade e confiança para que a prótese passe a ser uma extensão do seu corpo”, explica a fisioterapeuta da clínica, Rafaela DeConti.

A prova de como a marca é comprometida com o processo de reinserção de seus pacientes é a parceria que ela mantém com o Comitê Paralímpico e o grande número de embaixadores paratletas que a marca possui, como Lars Grael, Edson Dantas, Fernando Fernandes, Pauê, entre outros. “Dentro do esporte, como profissional, estar relacionado a maior empresa de próteses e que trata a reabilitação como prioridade, trazendo para a discussão um assunto que eu vivo me inspira a poder somar ainda mais e poder contribuir para que outras pessoas possam passar por esse processo”, contou Pauê, considerado o primeiro surfista biamputado e que, além de utilizar as próteses da Ottobock passou pelo processo de reabilitação, que o auxiliou muito na conquista das suas várias medalhas.

A Ottobock é responsável também pela reabilitação da Maraci, que sofreu o acidente em maio deste ano e que, com cerca de um mês de tratamento, está se adaptando à prótese e já consegue até descer escadas. “Logo após a amputação, fiquei indecisa entre a clínica que eu iria escolher, mas acabei optando pela Ottobock porque pude perceber a preocupação deles em me reinserir na vida novamente. Meus resultados só têm sido bons porque o trabalho desenvolvido aqui também é de ponta, juntando tecnologia e um trabalho bem humanizado”, finalizou Maraci.